

# **AS MÍDIAS IMPRESSAS NA APRENDIZAGEM DE GÊNEROS TEXTUAIS<sup>1</sup>**

Diva Carolina Farias Souza<sup>2</sup>

## **RESUMO**

As mídias e tecnologias na escola devem ser entendidas e trabalhadas como recursos facilitadores da comunicação e da formação de leitores funcionais, que saibam interpretar e transformar a leitura em informação, levando-os à construção da escrita de forma eficiente, intencional, coerente e responsável. Reconhecer a importância da leitura para a formação do leitor que pretende construir significados para a mesma e da escrita para a construção do pensamento crítico e o exercício prático e funcional da linguagem constituem a atividade de letramento e alfabetização proposta pela escola. As práticas de leitura e escrita visando desenvolver as habilidades cognitivas do aluno de forma competente e progressiva devem ser ações planejadas pelo professor de Língua Portuguesa. Apresentar os gêneros textuais que fazem parte do dia a dia do aluno permite que este tenha autonomia para reconhecê-los a partir de suas necessidades de comunicação do momento. Produzir textos jornalísticos, reportagens, artigos de opinião e charges permite aos alunos tratar de assuntos e questões atuais, aumentando as capacidades de ler, ver, escutar, se informar, relacionar fatos, organizá-los de forma cronológica e ainda fazer uma inter-relação entre os acontecimentos e o momento histórico. Acredita-se que este trabalho de confecção de jornal, obedecendo aos critérios dos gêneros jornalísticos estabelecidos pelo projeto JP/CRE na Sala de Aula, trouxe aos alunos a possibilidade de criação e autoria sobre assuntos da realidade e da atualidade, através da pesquisa do que acontece à sua volta de forma reflexiva e crítica.

Palavras-chave: leitura; escrita; produção textual; jornal.

## **ABSTRACT**

The media and technologies in school should be understood and worked as facilitators of the communication and formation of functional readers. Recognize the importance of reading for the formation of the reader who intends to construct meanings for the same and of the writing to build critical thinking, practical and functional of the language are functions of the school. The practices of reading and writing in order to develop the cognitive skills of students, competently and progressive should be thought and planned by teachers of Portuguese language. Exhibit the textual genres that are part of the

---

<sup>1</sup> Artigo produzido para a conclusão do Curso de Pós-Graduação/Especialização em Mídias na Educação da Universidade Federal de Santa Maria.

<sup>2</sup> Professora municipal de Língua Portuguesa na Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr Baltazar de Bem – Cachoeira do Sul/RS

daily lives of students allows they have the autonomy to identify and use them appropriately. Thus, producing journalistic texts allows teachers to work in order to increase reading skills by relating facts and developing criticality. This work aims to analyze the making of a newspaper following criteria established by the journalistic genres of the project JP / CRE in the classroom, in order to observe the possibilities creation and authoring.

## 1. INTRODUÇÃO

Desde o início da vida intelectual da criança, ela convive com recursos e materiais impressos que lhe são ofertados em grande quantidade, seja pelos pais por meio da contação e leitura de livros de histórias infantis, seja mais adiante quando ingressam nas creches ou escolas de educação infantil.

Esse convívio da criança com os materiais impressos configura um incentivo para a socialização, a troca com os coleguinhas, a escolha dos títulos e, conseqüentemente, o gosto pela leitura. Uma vez instalado o hábito, não são encontradas dificuldades para que nas séries iniciais do ensino fundamental os alunos, incentivados pelo professor, continuem desenvolvendo a imaginação, a criatividade, a oralidade e o prazer de criar eles próprios as suas histórias por meio de desenhos, ilustrações, pequenos textos, charges, histórias em quadrinhos, etc. Para Naspolini (2009, p. 25)

O conceito de leitura mudou. Seguindo os ditames pós-modernos e pós-críticos, ler significa mais que compreender o que está escrito com letras. Significa inferir o que está nas entrelinhas, intertextualizar, perceber a intergenericidade, contextualizar, compreender as muitas linguagens, construir significados.

A partir deste cenário, o presente trabalho propôs estudar o seguinte tema: qual o potencial da mídia impressa na aprendizagem de gêneros textuais? Este tema surgiu para refletir sobre a importância desses recursos quando utilizados na sala de aula para o desenvolvimento de habilidades de interpretação e escrita de textos; também para desconstruir o conceito de que material didático impresso se resume ao uso de livros didáticos ofertados pelos programas educacionais vigentes.

Convém salientar que o material impresso não deve se restringir ao uso do livro didático, já que este muitas vezes chega até o aluno de forma

descontextualizada, desatualizada, trazendo apenas um conteúdo conceitual, sem que o professor consiga fazer uma conexão coerente com o seu planejamento ou ainda que possa ser o mediador na conquista pelo aluno da problematização e criticidade das informações que o levarão à aprendizagem.

As concepções de ensino e as práticas pedagógicas referentes ao ensino da Língua Portuguesa propiciam aos alunos uma apropriação do conhecimento, da leitura, da escrita e, principalmente, da interpretação do que é lido ou escrito.

O ensino da Língua Portuguesa no Ensino Fundamental tem essencial importância no processo de alfabetização e letramento do aluno levando-se em conta sua utilização para a leitura e interpretação do mundo ao seu redor. Para que esse processo se efetive, porém, faz-se necessária a apresentação a este aluno de forma explícita os padrões linguísticos e textuais próprios de cada gênero trabalhado.

A inserção qualificada e detalhada das práticas de leitura e escrita deverá ter como objetivo aperfeiçoar a formação do aluno como leitor e, principalmente como produtor de textos escritos. Esta prática desenvolverá a habilidade de refletir sobre o funcionamento da linguagem; a competência de utilizar as informações que a leitura proporciona; e a capacidade de associar a leitura e a escrita à ampliação de conhecimentos e à produção autônoma de diferentes gêneros textuais.

Dentro deste escopo, destaca-se a contribuição importantíssima do jornal pela sua facilidade de acesso, correlação com o dia a dia dos alunos e suas informações do cotidiano, além da possibilidade da descoberta de diferentes estilos de linguagem.

O papel do professor nesta perspectiva é o de tirar o aluno da posição de mero leitor funcional, quase incapaz de modificar a realidade ao seu redor, e habilitá-lo à construção e utilização eficiente da linguagem, bem como a posicionar-se criticamente diante das informações que lhe forem apresentadas, valorizando os materiais impressos e digitais.

A intenção principal quando pretendeu-se abordar os gêneros textuais comumente usados foi apresentar aos alunos diversas opções de leitura através de materiais impressos, levando-se em conta a finalidade da leitura, se aprendizagem, diversão ou produção; inserir no contexto das aulas de Língua

Portuguesa a prática de leitura e escrita de diferentes estilos textuais e de linguagem levando ao conhecimento dos alunos as maneiras mais apropriadas de comunicação escrita de acordo com as necessidades do momento.

Para finalizar esta proposta, surgiu a necessidade de criar um jornal escolar de acordo com os moldes do Jornal do Povo - Jornal diário da cidade, ao qual os alunos participantes desta pesquisa tiveram acesso através do projeto “JP na Sala de Aula”.

Faria (2012, p. 148) cita que

Não se trata de mostrar o “caminho das pedras”, mas pensar no jornal como uma estratégia pedagógica multifacetada. Como se disse antes, na escola, o jornal não deve ser tomado como um fim, mas como um processo com fins formativos. Isso implica dizer que vale menos a edição colorida, bem acabada, a tiragem significativa, do que o trabalho artesanal de construção de uma espécie de documento público.

Para desenvolver este projeto, foram apresentados diversos tipos de comunicação disponíveis, tanto escrita quanto digital, com o objetivo de observar os conceitos, as formas de estruturação dos diferentes gêneros textuais e os tipos de linguagem utilizados em cada um deles. Segundo Ferreiro (1985, Nota preliminar),

A aprendizagem da leitura, entendida como o questionamento a respeito da natureza, função e valor desse objeto cultural que é a escrita, inicia-se muito antes do que a escola imagina. [...] Que além dos métodos, dos manuais, dos recursos didáticos, existe um sujeito que busca a aquisição do conhecimento, que se propõe problemas e trata de solucioná-los, seguindo sua própria metodologia.

Nesta etapa foi realizada a comparação entre os gêneros quanto à sua composição, forma, conteúdo temático e estilo. Para Naspolini, 2009, p. 32), a forma refere-se à organização e distribuição das informações; o conteúdo são os sentimentos, comportamentos sociais e valores; enquanto o estilo revela as características do autor, o modo que ele escolhe para revelar o conteúdo. Muitas vezes os gêneros sofrem variações na sua constituição, desdobrando-se em outros gêneros como citam Koch e Elias (2006, p. 101). O e-mail e o blog são exemplos de transformação da carta e do diário.

Os principais gêneros textuais que foram trabalhados para evidenciar estas transformações e diferenças foram os bilhetes, os convites, as cartas, os e-mails e os telegramas – como meios de comunicação pessoal e direta – e revistas, gibis e jornais – como meios de comunicação em massa –, uma vez

que estes são os mais comumente usados e disponíveis para os alunos no dia a dia e cujas estruturas mais se diferenciam entre si.

Também foi feita a leitura das edições do Jornal do Povo, diário da cidade, dentro do Projeto “JP/CRE na Sala de Aula” – iniciativa que é uma parceria do jornal com a 24ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE) na qual os professores fazem a inscrição de suas turmas e recebem apoio pedagógico e material disponível no blog do projeto. Este projeto visa formar novos leitores através da entrega mensal e gratuita, durante todo o ano letivo, de exemplares do jornal em quantidade suficiente para a leitura e trabalho pedagógico com os estudantes. Dentro de cada edição, constava uma reportagem especial dedicada ao debate com os alunos em sala de aula. A leitura das edições do jornal foi feita de forma sistemática, ora individualmente, ora coletivamente, analisando-se cada uma de suas partes, recriando-as com assuntos de interesse de dentro da escola e dos alunos.

Os alunos foram levados para uma visita guiada aos setores e parque de edição e impressão do Jornal do Povo para enriquecer o conhecimento sobre a produção de um jornal.

A produção textual feita pelos alunos seguiu as etapas de escolha dos temas, planejamento e organização das ideias por meio de rascunhos, escrita, revisão e reformulação. A finalidade destas etapas foi a construção da textualidade de acordo com o contexto e com o gênero que estiver sendo proposto.

Tornar-se um usuário da escrita eficiente e independente implica saber planejar, escrever, revisar (reler cuidadosamente), avaliar (julgar se está bom ou não) e reelaborar (alterar, reescrever) os próprios textos. Isso envolve bem mais que conhecimentos e procedimentos, mais do que saber fazer, porque requer a atitude reflexiva de voltar-se para os próprios conhecimentos e habilidades para avaliá-los e reformulá-los (PRO-LETRAMENTO, 2008, p. 52).

As atividades de produção textual que fizeram parte da produção do jornal foram realizadas individualmente ou em duplas, assessoradas pela professora.

Após todas as etapas de produção, reelaboração e revisão, houve a manufatura do jornal para ser apresentado durante a feira do livro da escola e à coordenação do projeto.

As atividades de avaliação contemplaram critérios como coesão, coerência, clareza, capacidade de análise e de diferenciação entre os tipos de texto. Os alunos foram incentivados a situar dentro de seu universo social as informações contidas nos textos de sua autoria.

## **2. APRENDIZAGEM ATRAVÉS DO PROCESSO DE LEITURA**

A ênfase ao ato da leitura, em diferentes formas e apresentações, bem como em seus inúmeros gêneros, é o suporte principal da comunicação entre o ser humano e o mundo. Para Vincent Jouve (2002), deve-se entender a atividade da leitura como um mecanismo em que estão presentes vários processos e, conseqüentemente, existe a demanda de várias habilidades e competências.

Defende-se que, ao ler, a criança desperta além do imaginário, uma série de ligações com o mundo exterior, produzindo e reproduzindo símbolos que construirão sua identidade cultural. Gregorin Filho (2009, p. 50) destaca que

Pode-se conceber a leitura como um processo neurofisiológico, pois ela é um ato concreto, observável, que recorre a determinadas faculdades específicas do ser humano. Nenhuma leitura é possível sem o funcionamento do cérebro e, em outros casos, sem que se utilize o aparelho visual. A leitura passa a ser, primeiro, uma operação de percepção, de identificação e de memorização de signos mediante o funcionamento pleno de determinados conjuntos de órgãos do corpo humano.

O autor vai mais além ao afirmar que a atividade de leitura também pode ser vista como um processo cognitivo, já que no processo de deciframento de signos do texto, o indivíduo realiza um esforço de abstração, progressão e interpretação global que levam ao encadeamento de ideias que o texto supõe.

A leitura eficiente é aquela que está vinculada a situações de uso, capaz de levar o leitor a estabelecer a relação tipo/sentido, ou seja, deve haver uma determinada situação para produzir um determinado sentido, para que tenha uma razão de ser. A leitura é uma prática social, por isso, torna-se fundamental no momento em que proporciona um entendimento do mundo em que o leitor está inserido.

O professor que ambiciona desenvolver um processo eficiente de ensino-aprendizagem através do uso de gêneros textuais impressos e digitais que conduzirá os alunos à aprendizagem significativa, através do hábito contínuo e intencional da leitura, precisa levar em conta alguns critérios. Dentre estes, a compreensão e a valorização dos diferentes usos e funções sociais da leitura; a exploração dos diferentes gêneros e suportes que indicarão para que servem, a quais leitores se destinam, onde se apresentam, como se organizam, de quê tratam, qual tipo de linguagem utilizam e, principalmente, a finalidade, o que levará o aluno aos porquês da leitura, considerando as convenções gráficas apropriadas com o intuito de levá-lo ao desejo da escrita.

A capacidade de organização mental que a leitura proporciona ao aluno pode surgir a partir dos padrões de composição usuais dos gêneros textuais. Isso acontece porque estes gêneros costumam apresentar-se de forma padronizada, estabelecida previamente nas práticas sociais. Ao apresentar uma carta, um bilhete, um telegrama, costuma-se automaticamente apresentar também um formato composto por data, endereço, remetente, destinatário, dispostos em determinada ordem e com uma função, um formato, uma linguagem e um tamanho típico. Porém, esses padrões foram flexibilizados nos últimos tempos com o uso comum de celulares – através das mensagens de texto – e do computador – através dos e-mails. Portanto, as regras de comunicação não são mais fixas e imutáveis e sofreram variações de acordo com a globalização da comunicação permitida pelas tecnologias.

Desse modo, cabe ao professor proporcionar ao aluno um aprendizado útil e relevante, familiarizando-os com os padrões de composição de todos os tipos de gêneros, possibilitando-lhe condições de organizar os próprios textos segundo os padrões sociais mais aceitos e modernos.

Desenvolver no aluno a habilidade de ler e principalmente de interpretar o que está lendo, de maneira a tornar-se um leitor eficiente, independente e crítico, implica num planejamento de atividades e metodologias na sala de aula com o uso de recursos adequados. Esses recursos vão desde a leitura em voz alta feita pelo professor de poesias, histórias, notícias, cartas, convites, avisos, até as leituras coletivas e os hipertextos na internet.

Quando uma criança lê, independente do tipo da leitura, ela deve dar um significado, um sentido àquilo que está lendo, relacionando as informações

com os conhecimentos prévios que possui para que esta leitura tenha efetivação mental.

Criar um clima de expectativa, de necessidade, contextualizar previamente diferentes modalidades de leitura, diversificar bastante os textos e as formas de ler e oferecer uma pluralidade de leituras potencializará o gosto de ler em diversas situações.

A variação dos tipos de leitura levará o aluno a tornar-se apto ao domínio das variedades linguísticas presentes na leitura e na produção de textos. Entende-se que ao incentivar o aluno a ler, automaticamente despertará neste o desejo de escrever.

Para Gregorin Filho (2009, p.56),

Na atividade de leitura, o professor pode e deve dialogar com o aluno sobre as relações entre as diversas linguagens que compõem a obra, pois a criança educará o seu olhar para as múltiplas linguagens construtoras dos diversos textos nos quais a sociedade está imersa. Um leitor plural não é somente aquele que consegue ser eficiente na leitura da linguagem verbal em norma culta, mas aquele que consegue ler e traduzir as diferentes linguagens presentes nos diferentes textos veiculados na sociedade: da norma culta às gírias, das pinturas acadêmicas dos grandes artistas aos trabalhos de grafite contemporâneos.

Um leitor plural é aquele que consegue ser poliglota na sua própria língua e ser competente para ler as possíveis manifestações de linguagem. Desse modo, o educador não pode ficar alheio às diversas manifestações culturais desenvolvidas pela comunidade da criança ou adolescente, pois a educação formal deve partir de um lugar cultural conhecido pelo aluno para que se possam inserir novas possibilidades de uso da linguagem e ampliar sua competência discursiva e textual.

A escrita resume-se a colocar no papel a organização das ideias, com a prévia intenção de um destinatário – para quem se está escrevendo – e uma situação – quando será lida –, para que seja entendida de forma clara. Esses são os elementos principais que devem ser levados em conta. É importante ressaltar que a escrita deve respeitar os recursos linguísticos que as situações sociais requerem.

O modo como as pessoas falam de acordo com a idade, a região onde vivem, o grau de escolaridade ou os diferentes ambientes que frequentam norteia a variedade linguística da escrita. Para produzir um texto é preciso que se considere o gênero adequado, os objetivos que se quer atingir com o texto, a quem interessa aquela leitura, o conhecimento do escritor sobre o assunto e ainda em que suporte será divulgado.



Naspolini (2009, p.68), ao comentar sobre a escrita das crianças, considera que

Ao construir um texto por escrito, ela consegue exteriorizar, tornar sensível, dar luz a seus conhecimentos, ideias, pensamentos. Um texto escrito é, portanto, o resultado de um processo: a transformação de um significado em forma. Assim, os conteúdos são definidos pela forma. Esta não se encontra explicitamente no conteúdo, mas não existe sem ele.

Cabe ao professor conhecer os seus alunos não só nas suas histórias de vida pessoais, mas também nas suas competências cognitivas para propor a produção escrita porque ao escrever textos os alunos estarão expondo seus sentimentos, a lógica de suas vivências e, a partir daquilo que já sabem, aumentarão as chances de produção segura, buscando novos conhecimentos e informações para acrescentar à escrita.

O trabalho coletivo e a troca de informações com os colegas favorecem a produção de textos mais elaborados e bem fundamentados. Quanto maior for a quantidade de vezes que o aluno escreve, tanto melhor será a sua produção. Ao escrever, ampliam-se o vocabulário e os conhecimentos na tentativa de interação, transformação e compreensão dos instrumentos de comunicação.

Para Gomes (2007, p. 113),

As palavras que compõem um texto também estão diretamente ligadas ao gênero e ao tipo de texto, e a sua complexidade vai interferir na compreensão das informações ali contidas. (...) É até desnecessário dizer que, quanto mais rico o nosso vocabulário, maior a nossa capacidade de compreensão de textos nos diversos gêneros.

Segundo os PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais – sobre produção escrita, o escritor competente é aquele que consegue construir textos coesos, coerentes e eficazes. É necessário que toda a produção de texto seja precedida de uma clara definição de objetivos, pois o aluno deve ter em mente para que, para quem, onde e como deve escrever o que vai escrever. É preciso, desde cedo, trabalhar com o aluno a noção dos gêneros textuais para que ele saiba que para objetivos diferentes tem de produzir gêneros diferentes e que cada gênero possui suas características específicas.

Ainda segundo os PCNs, para desenvolver a competência dos alunos na produção textual o professor deve implementar uma prática continuada de textos, oferecendo textos escritos de boa qualidade; sugerindo aos alunos que produzam textos ditando para alguém ou gravando, antes de grafá-los;

propondo situações de produção em pequenos grupos para que possam dividir tarefas numa atitude colaborativa; e desfazendo o mito de que o processo de escrita é muito fácil.

### 3. CONHECENDO E CONFECIONANDO UM JORNAL

Na visita realizada à redação do Jornal do Povo, como uma das atividades práticas da pesquisa, além da estrutura física necessária para a manufatura de um jornal diário, os alunos receberam explicações sobre a estrutura formal das seções do mesmo: manchete, notícias sobre as questões políticas e econômicas regionais e nacionais, notícias policiais, esportivas, culturais e classificados.

O tamanho de cada uma destas seções, os temas e a ênfase de abordagem, bem como os estilos linguísticos, são variáveis de uma publicação para outra dependendo do público que se quer atingir, mesmo que as estruturas sejam semelhantes. Isso leva o leitor a identificar o que é um jornal, buscando as informações de seu interesse de acordo com a sua expectativa.

Referência indispensável no campo de comunicação que reúne verbetes de jornalismo, rádio e televisão, publicidade e propaganda, fotografia e cinema, o *Dicionário de Comunicação - DC* (1987), de Rabaça e Barbosa, citado por Faria (2012, p. 172), define o verbete *cadernos* como

Cada uma das partes separadas de um *exemplar* de jornal. Conforme a ordem, os cadernos comportam gêneros determinados de seções e de matérias. Os jornais diários normalmente reservam o primeiro caderno para as notícias de caráter geral, para os editoriais, etc., e o segundo caderno para (...) amenidades, colunas sociais, Crônicas, críticas de arte, cinema, teatro, etc. É frequente a edição de cadernos dedicados a anúncios classificados ou assuntos especiais (tratados em suplementos).

Neste momento convém abordar o papel da educomunicação, utilizada para agregar valor e sentido ao projeto. É importante salientar que a integração entre as mídias e tecnologias de informação e comunicação só obtém sucesso quando todos os envolvidos conseguem dar significado àquilo que faz parte do projeto. Ao ler o jornal e o suplemento destinado ao Projeto JP/CRE na Sala de Aula, disponível em <http://www.jornaldopovo.com.br/site/index.php> e [www.jornalformigao.com.br](http://www.jornalformigao.com.br), utilizando o computador, os alunos tinham o

propósito de investigar a forma e o conteúdo das seções do mesmo, levando em conta a linguagem e a imparcialidade ou não dos repórteres.

O projeto de confecção do jornal na escola pretendeu abordar quatro eixos: reportagem, artigo de opinião, charge e notícia.

O artigo de opinião, como definição, é aquele que apresenta um ponto de vista sobre determinado tema de interesse particular ou social, com argumentação sólida, levando-se em conta os interlocutores: quem escreve e para quem é escrito.

A notícia, função primeira do jornal, traz as informações àqueles que necessitam delas, sendo informações recentes, de fatos abordados de forma mais sensacionalista e muitas vezes com a opinião do jornalista expressa.

A reportagem, diferente da notícia, caracteriza-se principalmente pela imparcialidade. Pode explorar temas variados de interesse cotidiano, histórico, social, atuais ou não, utilizando entrevistas, embasamento teórico e diferentes opiniões sobre o tema.

Conceitua-se charge como um gênero argumentativo que apresenta uma interpretação criativa, um ponto de vista bem-humorado sobre a realidade. Através do desenho, o autor da charge intenciona argumentar sobre atitudes, realidades e assuntos que considera positivos ou negativos, influenciando a opinião dos leitores que provavelmente compartilham dessa mesma opinião.

Algumas produções foram feitas a partir do uso dos hipertextos, permitindo a autonomia dos alunos para buscar em diferentes fontes e caminhos as informações necessárias para a construção.

A diferenciação entre os eixos foi realizada na sala de aula, visando a produção dos diferentes gêneros textuais exigidos pelos mesmos, o desenvolvimento crítico de textos acerca dos assuntos do cotidiano, bem como a participação e publicação das produções. Levaram-se em conta os fatores gráficos e contextuais como o tamanho das letras para dar destaque às informações, os autores, as fotos, os nomes das colunas, entre outros elementos que servem para ajudar os leitores a dar sentido ao texto que estão lendo.

Para Ismar de Oliveira Soares (2012) o conceito de Educomunicação é

O conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e

fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, tais como escolas, centros culturais, emissoras de TV e rádios educativos", e outros espaços formais ou informais de ensino e aprendizagem.

Com a educomunicação estudamos e trabalhamos em cima de nossas atitudes, em nossos comportamentos, em nossos valores, e nossas decisões considerando as relações com o mundo e com os fatores sociais, políticos, culturais e econômicos. Nesse sentido, o desafio é como inserir na escola e na educação, conteúdos comunicativos que contemplem experiências culturais heterogêneas, através das novas tecnologias da informação e da comunicação.

Após as variadas leituras e permitida a intertextualidade, houve a oportunidade da co-autoria e da produção colaborativa.

#### **4. APLICAÇÃO DO PROJETO E RESULTADOS**

Para iniciar as atividades com os materiais impressos mais conhecidos, os alunos produziram bilhetes endereçados aos colegas avisando-os das atividades que seriam desenvolvidas na escola referentes ao dia das mães e solicitando a doação de gêneros alimentícios necessários à confecção de guloseimas para a comemoração. Foram apresentados ainda dentro desta temática os e-mails e as mensagens via celular, para fazer uso das tecnologias à disposição dos alunos, que hoje substituem os bilhetes de forma mais rápida e que definem-se como um desdobramento mais dinâmico e atual de bilhete.

Na sala digital foram criados endereços de e-mail para os alunos que ainda não dispunham desse recurso de comunicação, passando os mesmos a enviar e receber/ler no LABIN (Laboratório de Informática) da escola, mensagens aos professores das outras disciplinas sobre as suas dúvidas a respeito dos conteúdos trabalhados em sala de aula, interdisciplinarizando as atividades da Língua Portuguesa.

A função comunicativa da carta foi utilizada para formalizar os vínculos de amizade com as pessoas com as quais os alunos tivessem mais apreço. Após estabelecer a diferença entre os gêneros bilhete e carta, esta última, por seu conteúdo, composição e estrutura, bem como a necessidade de registrar através da escrita os seus sentimentos, foram produzidas cartas de cunho interpessoal, de acordo com os passos necessários ao formato da mesmas.

Foi criada na sala de aula uma mini-biblioteca com exemplares de revistas infantis e infanto-juvenis, gibis e livros de literatura indicados para a faixa etária dos alunos. Sempre que as atividades propostas eram concluídas,

havia a liberdade de acesso à biblioteca para livre escolha de material para leitura. Foram discutidas as diferenças entre os livros de literatura, as revistas e os gibis.

A preferência dos alunos pelos gibis foi muito evidente, já que os mesmos possuem a gravura, o colorido e geralmente o tom humorístico como características principais.

Ao analisar os meios de comunicação trabalhados até então, os alunos puderam estabelecer as principais diferenças entre aqueles que servem para informar, comunicar, estabelecer relações sociais, dentro de um contexto, de forma pessoal, daqueles cujas informações são mais generalistas, fugindo da singularidade para a pluralidade dos públicos aos quais se destinam.

A partir daí, passaram a ser explorados os jornais e principalmente os gêneros que seriam trabalhados dentro do projeto JP/CRE na Sala de Aula: textos jornalísticos, artigos de opinião, charges e fotos jornalísticas.

A maioria dos alunos optou por realizar charges, cerca de 70%, um tanto pela facilidade do desenho, outro pela possibilidade de expressar suas opiniões de forma bem-humorada.

Os artigos de opinião tiveram a preferência de 10% dos alunos, que abordaram temas subjetivos e de relevância social como as relações interpessoais e as regras de convivência, seus sonhos para o futuro e o que consideravam importante para serem felizes, provando que entenderam o verdadeiro sentido do gênero proposto.

As entrevistas ganharam destaque para outros 10% dos alunos, que entenderam ser esta a principal tarefa de um repórter: ouvir, pesquisar e escrever sobre a opinião das pessoas relacionadas aos acontecimentos cotidianos a serem relatados. Percebeu-se aqui uma necessidade de transcrever a opinião principalmente das pessoas da comunidade escolar, que eram reconhecidas pela maioria e que tivessem influência direta ou indiretamente na vida de todos.

Produzir ou escrever reportagem, que envolveu 10% dos alunos, exigiu um trabalho de pesquisa, entrevista com pessoas relacionadas aos assuntos em foco, o chamamento para fatos relevantes e a escrita e reescrita de textos, propiciando a imparcialidade no relato, a variedade linguística e de vocabulário e principalmente a visão crítica dos alunos.

Todos os materiais produzidos pelos alunos foram devidamente reproduzidos, de forma que um exemplar ficasse na escola, para a montagem do jornal escolar e a outra foi entregue de acordo com os prazos estipulados pelo projeto. A edição do jornal escolar, intitulado BaltaNotícias, foi impresso e montado em painéis que foram apresentados durante a Feira do Livro da escola, quando os alunos das outras séries foram convidados a participar das próximas edições, sugerindo temas para serem abordados de acordo com os gêneros já citados.

O envolvimento e a participação dos alunos nas atividades propostas traduz a importância do papel do professor que está atento às necessidades de leitura e interpretação de sua classe, bem como do despertar de um olhar diferenciado para a produção textual.

Ao escrever, revisar, articular ideias, repensar de maneira mais crítica as situações vivenciadas ou do entorno do seu meio que de alguma forma os atinge, os alunos percebem que não são meros expectadores da sua realidade, e sim atores/autores que podem influenciar e propor mudanças através de sua opinião.

Considerar os conhecimentos prévios, suas habilidades, estabelecendo um perfil individual, através da observação das capacidades foi fundamental para o sucesso na aplicação do projeto. Com este diagnóstico foi possível perceber os avanços, a superação das dificuldades de identificação dos gêneros textuais e sua multiplicidade dentro e fora da escola.

Percebeu-se que ao aprofundar a exploração dos gêneros propostos, tornando-os o foco principal das atividades de Língua Portuguesa, utilizando tanto recursos impressos quanto digitais, tornou-se facilitada de modo extraordinário a expressão oral e escrita, podendo-se afirmar com segurança que essas aprendizagens refletiram nas demais áreas curriculares. A preocupação com a utilização eficaz de linguagem e a procura por diferentes leituras transformaram as atividades em um projeto interdisciplinar franqueando a aprendizagem.

O trabalho com gêneros desenvolveu bastante as capacidades linguístico-discursivas, tão importantes para a estrutura das produções textuais dos alunos.

Depreende-se que os alunos que leem bem, interpretam bem, escrevem bem e produzem com excelência.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os meios de comunicação impressos e digitais utilizados na sala de aula para incentivar a leitura e a escrita estão mudando de maneira muito positiva as formas de aprendizagem dos alunos. Neste sentido, a diversidade de materiais oferecidos e principalmente a ênfase aos gêneros textuais garantem a melhoria da aprendizagem do aluno, ampliando a gama de possibilidades a respeito das interpretações e leituras de mundo que ele faz.

Desenvolver o interesse e o hábito pela leitura e escrita é um processo constante, que deve ser incentivado e aperfeiçoado nas séries iniciais do Ensino Fundamental. De acordo com Bamberger (2000), a criança que lê com maior desenvoltura se interessa pela leitura e aprende mais facilmente, transformando-se num leitor capaz.

A escola deve ser formadora de novos talentos, oferecendo oportunidades variadas, que incentivam a vontade da leitura e a busca por uma escrita intencional, coerente e crítica. Os atos de ler e escrever não representam apenas uma decodificação ou ressignificação de palavras. Vão além, pois são a compreensão e a percepção das ideias, a interpretação e a avaliação significativa das diversidades textuais presentes no cotidiano. É preciso entender, interpretar e contextualizar para, a partir daí, criar produções próprias.

Os recursos tecnológicos permitem ao professor e conseqüentemente ao aluno, a oportunidade de contato com o outro, com o restante da escola e ainda com o mundo extra-escola, fazendo um intercâmbio de atores e saberes sociais, através de aulas participativas nas quais o uso do computador e das demais tecnologias presentes na escola serve para incrementar a aprendizagem.

Finalizando, não se pode deixar de salientar a relevância da participação e do desenvolvimento do projeto JP/CRE na Sala de Aula na aprendizagem e na produção escrita dos alunos que tiveram comprovadamente desenvolvidas as suas capacidades de conhecimento e autoria de diferentes gêneros textuais.

## 6. REFERÊNCIAS

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. 7. Ed. São Paulo: Ática, 2000.

BRASIL. Secretaria de educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

ELIAS, Vanda Maria e KOCH, Ingedore Villaça. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

FARIA, MARIA ALICE. **Para ler e fazer o jornal na sala de aula/ Maria Alice Faria, Juvenal Zanchetta Jr.**, 3. Ed. – São Paulo: Contexto, 2012.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **A psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.

GOMES, Maria Lúcia de Castro. **Metodologia do Ensino de língua portuguesa**. Curitiba: Ibpx, 2007.

JORNAL DO POVO. 24ª COORDENADORIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO. **Projeto JP/24ª CRE na Sala de Aula**. Cachoeira do Sul, 2013. Disponível em: <[www.jp24crenasaladeaula.blogspot.com](http://www.jp24crenasaladeaula.blogspot.com)>.

JOUBE, Vincent. **A Leitura**. Tradução de Brigitte Hervor. São Paulo: Editora da Unesp, 2002.

NASPOLINI, Ana Tereza. **Tijolo por tijolo: prática de ensino de língua portuguesa, volume único: livro do professor**. - 1. Ed. – São Paulo: FTD, 2009.

PRO-LETRAMENTO: **Programa de Formação de Professores dos Anos/Séries Iniciais do ensino Fundamental: alfabetização e linguagem**. Secretaria da Educação Básica, 2008.

RABAÇA, C. A., BARBOSA, G. **Dicionário de Comunicação**. 2ª edição, São Paulo, Ática, 1987.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Mas, afinal, o que é Educomunicação?** Universidade de São Paulo. Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo. Página visitada em 13 de outubro de 2012.